

Livro de Poemas

NTE: 20

COLÉGIO: Luís Eduardo Magalhães

Rohana Cardoso Sousa

Poema do Quinhentismo - Jesus na manjedoura Padre José de Anchieta

- Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado?
- Jazo aqui por teu pecado
- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,
Como estais em tal pobreza ?
- Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo
aqui por teu pecado.
- Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,
Que vos fez tão pequenino ?
- O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado,
Por despir-te do pecado.
- Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade,
Quem vos fez de tal idade?
- Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal
me fez o teu pecado.

Poema Barroco- Buscando a Cristo

Gregório de Matos

"A vós correndo vou, braços sagrados, Nessa cruz
sacrossanta descobertos, Que, para receber-me,
estais abertos E, por não castigar-me, estais
cravados.

A vós, divinos olhos, eclipsados De tanto sangue e
lágrimas abertos, Pois, para perdoar-me, estais
despertos, E, por não condenar-me, estais fechados.

A vós, pregados pés, por não deixar-me, A vós,
sangue vertido, para ungir-me, A vós, cabeça baixa p
'ra chamar-me.

Poema do Arcadismo - Amor a amor nos convida Manoel Maria du Bocage

Com dura e branda cadeia,
Com facho ativo e suave,
De seus mistérios coa chave,
Amor entre nós volteia:
Já deprime, já glorieia ,
Já dá morte, já dá vida;
E nesta incessante lida,
Que em si traz, que em si contém,
Com o mal, e com o bem,
Amor a amor nos convida.

Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi:
Sou filho das selvas,
Nas selvas cresci;
Guerreiros, descendo Da tribo tupi.
Da tribo pujante,

Que agora anda errante,
Por fado inconstante,
Guerreiros, nasci:
Sou bravo, sou forte,
Sou filho do Norte;
Meu canto de morte,
Guerreiros, ouvi.
Já vi cruas brigas,
De tribos imigas,
E as duras fadigas da guerra provei;
Nas ondas mendaces
Senti pelas faces

Os silvos fugaces

Dos ventos que amei.

Poema do Realismo - Livros e flores Machado de Assis

Teus olhos são meus livros.

Que livro há aí melhor,

Em que melhor se leia

A página do amor?

Flores me são teus lábios.

Onde há mais bela flor,

Em que melhor se beba

O bálsamo do amor?

Poema do Naturalismo - Eterna Mágoa- Augusto dos Anjos

O homem por sobre quem caiu a praga

Da tristeza do Mundo, o homem que é triste

Para todos os séculos existe

E nunca mais o seu pesar se apaga!

Não crê em nada, pois, nada há que traga

Consolo à Mágoa, a que só ele assiste.

Quer resistir, e quanto mais resiste

Mais se lhe aumenta e se lhe afunda a chaga.

Sabe que sofre, mas o que não sabe

É que essa mágoa infinda assim,

não cabe

Na sua vida, é que essa mágoa infinda.

Transpõe a vida do seu corpo inerme;

E quando esse homem se transforma em verme

É essa mágoa que o acompanha ainda!

Poema do Parnasianismo - Língua Portuguesa
Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura;
Ouro nativo, que, na ganga impura,
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura !

Amo o teu viço agreste e o teu
De virgens selvas e de oceanos largos!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!"
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho !

Poema do Simbolismo - Inefável

Cruz e Sousa

Nada há que me domine e que me vença
Quando a minha alma mudamente acorda...
Ela rebenta em flor, ela transborda
Nos alvoroços da emoção imensa.

Sou como um Réu de celestial sentença,
Condenado do Amor, que se recorda
Do Amor e sempre no Silêncio borda
De estrelas todo o céu em que erra e pensa.

Claros, meus olhos tornam-se mais claros
E tudo vejo dos encantos raros
E de outras mais serenas madrugadas!

Todas as vozes que procuro e chamo
Ouço-as dentro de mim porque eu as amo
Na minha alma volteando arrebatadas.

Poema do Pré-Modernismo - Saudade- Augusto dos Anjos

Hoje que a mágoa me apunhala o seio,
E o coração me rasga atroz, imensa,
Eu a bendigo da descrença, em meio,
Porque eu hoje só vivo da descrença.

À noite quando em funda soledade
Minh'alma se recolhe tristemente,
Pra iluminar-me a alma descontente,
Se acende o círio triste da Saudade.

E assim afeito às mágoas e ao tormento,
E à dor e ao sofrimento eterno afeito,
Para dar vida à dor e ao sofrimento,

Da saudade na campa enegrecida
Guardo a lembrança que me sangra o peito,
Mas que no entanto me alimenta a vida.

Poema do Modernismo - Moça Linda Bem Tratada -Mário de Andrade

Moça linda bem tratada,
Três séculos de família,
Burra como uma porta: Um amor.

Grã-fino do despudor,
Esporte, ignorância e sexo,
Burro como uma porta: Um coiό.

Mulher gordaça, filό,
De ouro por todos os poros
Burra como uma porta: Paciência...

Plutocrata sem consciência,
Nada porta, terremoto
Que a porta do pobre arromba: Uma bomba.

